

O perfil dos jovens que esperam ser professores

Portal Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede)



São Paulo, 2018

Sumário

Resumo.....	2
1. Sobre os dados analisados.....	3
2. Quem espera ser professor no Brasil.....	3
2.1 Média geral do Brasil no Pisa e média de quem espera ser professor.....	3
2.2 O perfil dos alunos da rede pública e privada que esperam ser professores.....	5
3. Quem espera ser professor no mundo.....	5
3.1 Os países com as médias mais altas entre quem espera ser professor.....	7
3.1.1 Alemanha é destaque.....	9
3.2 Os países com os maiores percentuais de alunos interessados em ser professores.....	11
4. O que é preciso para atrair os melhores alunos para a carreira docente? Educadores e pesquisadores da área de Educação comentam.....	13
5. Apêndice.....	15

Lista de tabelas

Tabela 1. Médias de proficiência do Brasil no Pisa 2015.....	3
Tabela 2. Médias gerais do Brasil e dos alunos que esperam ser professores.....	4
Tabela 3. Perfis dos alunos das redes pública e privada que esperam ser professores.....	5
Tabela 4. Médias dos alunos do Japão que esperam ser professores	6
Tabela 5. Médias dos alunos da Estônia que esperam ser professores.....	6
Tabela 6. Médias dos alunos de Taiwan que esperam ser professores.....	6
Tabela 7. Médias dos alunos da Finlândia que esperam ser professores.....	6
Tabela 8. Médias dos alunos de Macao que esperam ser professores.....	7
Tabela 9. Os 15 países cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em matemática no Pisa 2015.....	7
Tabela 10. Os 15 países ou regiões cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em ciências no Pisa 2015.....	8
Tabela 11. Os 15 países ou regiões cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em leitura no Pisa 2015.....	8
Tabela 12. Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em matemática.....	9
Tabela 13. Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em ciências.....	10
Tabela 14. Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em leitura.....	11
Tabela 15. Os 10 países com os maiores percentuais de alunos que esperam ser professores.....	12
Tabela 16. Diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais dos alunos nos 10 países com os maiores percentuais de interessados pela carreira docente.....	12
Tabela 17. Médias gerais e médias de quem espera ser professor nos 70 países ou regiões avaliados, em ordem alfabética.....	15

Resumo

O Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede) tabulou e analisou as respostas dos estudantes de 70 países e regiões avaliados pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês) 2015, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), sobre a profissão que eles esperam ter aos 30 anos de idade. O estudo mapeia qual a proporção de estudantes que espera ser professor no Brasil e nas outras economias avaliadas e como é o desempenho deles.

Para isso, foram calculadas as médias de proficiência desses alunos nas três áreas principais do Pisa (ciências, matemática e leitura) e comparadas com as médias daqueles que citaram outras profissões ou atividades. Também foram mapeadas as pontuações dos alunos que esperam ser professores em países que são reconhecidos pela qualidade de seus sistemas educacionais, como é o caso de Finlândia, Japão e Cingapura.

1. Sobre os dados analisados

Foram analisadas as respostas dos estudantes ao item ST114Q01TA do questionário do aluno do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) 2015, que pergunta “Qual profissão você espera ter aos 30 anos de idade?”. A questão é aberta, o que permitiu ao aluno escrever o que quisesse (mas em um pequeno espaço retangular). A amostra brasileira foi de 23.141 alunos, de 15 a 16 anos, espalhados por todos os estados brasileiros.

A partir das respostas dos alunos, a OCDE chegou a uma lista com 580 profissões, divididas em nove grandes grupos: 1. gerentes, 2. profissionais, 3. técnicos e profissionais associados, 4. trabalhadores de apoio administrativo, 5. trabalhadores de serviços e vendas, 6. trabalhadores qualificados de agricultura, silvicultura e pesca, 7. artesãos e trabalhadores de áreas relacionadas, 8. montadores e operadores de fábricas e máquinas, 9. ocupações elementares.

O subgrupo de profissões ligadas à docência está contemplado no grande grupo “profissionais”, e inclui professores universitários, de educação básica, professores de línguas, artes, música, entre outras segmentações.

2. Quem espera ser professor no Brasil

Da amostra de 23.141 alunos, 3,3% (755 em números absolutos) disseram que, aos 30 anos de idade, esperam ser professores. Desses, 24 declararam ser de escolas privadas – o restante é de escola pública ou deixou em branco esse item no questionário.

Se ranquearmos os países e regiões avaliados no Pisa pelo percentual de alunos que espera ser professor, o Brasil aparece em 54^o lugar dentre os 70.

2.1 Média geral do Brasil no Pisa e média de quem espera ser professor

O desempenho geral do Brasil no Pisa 2015 foi ruim: dentre os 70 países e regiões avaliados, entre membros da OCDE e parceiros, o Brasil ficou na 63^a posição em ciências, 59^a em leitura e 65^a em matemática.

Veja a seguir as médias de proficiência do país:

Tabela 1. Médias de proficiência do Brasil no Pisa 2015

Médias de proficiência do Brasil no Pisa 2015			
	Matemática	Ciências	Leitura
Brasil	377.1	400.7	407.3

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

As médias do Brasil em 2015 foram piores do que na edição anterior da avaliação, de 2012, quando o país obteve 391 pontos em matemática, 405 em ciências e 410 em leitura.

Os 3,3% de estudantes que esperam ser professores, por sua vez, tiveram desempenho ainda mais baixo, inferior à média nacional em todas as áreas. Veja a seguir:

Tabela 2. Médias gerais do Brasil e dos alunos que esperam ser professores

Médias gerais do Brasil e dos alunos que esperam ser professores			
	Matemática	Ciências	Leitura
Médias gerais do Brasil	377.1	400.7	407.3
Médias dos alunos que esperam ser professores	358.5	380.6	388.9
Diferenças entre as médias	-18.6	-20.1	-18.5

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede

Em todas as áreas do Pisa, as pontuações são divididas por níveis, sendo que o dois é considerado o nível básico de proficiência. Segundo a OCDE, é a partir do nível 2 que os alunos começam a demonstrar habilidades de matemática, leitura e ciências consideradas fundamentais para o seu desenvolvimento futuro, ingresso no mercado de trabalho e para serem “eficazes e produtivos na vida em sociedade”.

É importante dizer, então, que do total de 755 alunos no Brasil que esperam ser professores, 634 estão abaixo do nível dois em matemática, 494 abaixo do nível dois em leitura e 546 abaixo do nível dois em ciências. Considerando o peso amostral desses alunos, os percentuais são de 80,9%, 62,3% e 70,2%, respectivamente.

Situação oposta é observada nos níveis mais altos. Nenhum aluno que espera ser professor chegou ao nível 6. No nível 5 em matemática, leitura e ciências, ficaram respectivamente 2, 4 e 3 estudantes, o que representa menos de um por cento nos três casos.

Faz-se necessário aqui enfatizar dois pontos importantes:

1. A pontuação geral do Brasil no Pisa é baixa e está muito distante da média dos países da OCDE, que foi de 490 pontos em matemática, 493 em ciências e 493 em leitura.
2. Como dito, no Brasil, os alunos que esperam ser professores tiveram desempenho inferior à média nacional. Se fossem comparadas somente as médias dos alunos que esperam ser professores, o Brasil cairia ainda mais algumas posições no ranking, passando de 63º lugar em ciência para 65º; de 59º em leitura para 61º. Em matemática, iria para 66º.

2.2 O perfil dos alunos da rede pública e privada que esperam ser professores

Há diferenças significativas entre os alunos da rede pública e da rede privada que esperam ser professores. A grande maioria (94%) dos alunos da rede privada que espera ser professor tem mães com ensino médio completo, enquanto na rede pública eles são 60%. O nível socioeconômico também difere bastante: enquanto os alunos da rede privada têm nível socioeconômico acima da média da OCDE (acima de 0), os alunos da rede pública têm nível socioeconômico mais de um desvio padrão abaixo do indicador da OCDE.

Já em relação ao gênero, se verifica que para alunos de ambas as redes mais mulheres do que homens esperam seguir a profissão.

Tabela 3. Perfis dos alunos das redes pública e privada que esperam ser professores

Diferenças entre os perfis dos alunos das redes pública e privada que esperam ser professores					
Rede	Total de alunos	Nível socioeconômico	Mães com ensino médio completo	Gênero masculino	Gênero feminino
Privada	24	0,14	94%	19,5%	80,5%
Pública	518	-1,48	60%	33%	67%

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

3. Quem espera ser professor no mundo

Nos países mais bem avaliados pelo Pisa 2015, a situação é bem diferente da verificada no Brasil: alunos que esperam ser professores aos 30 anos têm desempenho superior à média nacional nas três áreas (ciências, matemática e leitura).

Em Cingapura, 1º lugar no Pisa 2015 nas três áreas, não há diferenças estatisticamente significantes entre as médias da amostra geral de alunos do país e daqueles que esperam ser professores. Mas, é importante ressaltar, o desempenho do país é muito alto (74.2 pontos à frente da média da OCDE em matemática, 62.6 à frente em ciências e 42.1 em leitura).

Os outros cinco países e regiões que aparecem na sequência de Cingapura no ranking apresentam diferenças entre as médias.

Observe-as nas tabelas a seguir:

Tabela 4. Médias dos alunos do Japão que esperam ser professores

Japão			
2º colocado no Pisa 2015 para ciências			
Percentual de alunos que espera ser professor: 7.1%			
	Matemática	Ciências	Leitura
Média de quem espera ser professor	561.2	564.0	543.3
Média geral do país	532.4	538.4	516.0
Diferenças entre as médias	28.7	25.6	27.3

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

Tabela 5. Médias dos alunos da Estônia que esperam ser professores

Estônia			
3º colocado no Pisa 2015 para ciências			
Percentual de alunos que espera ser professor: 1.8%			
	Matemática	Ciências	Leitura
Média de quem espera ser professor	532.2	554.6	541.3
Média geral do país	519.5	534.2	519.1
Diferenças entre as médias	12.7	20.4	22.2

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

Tabela 6. Médias dos alunos de Taiwan que esperam ser professores

Taiwan			
4º colocado no Pisa 2015 para ciências			
Percentual de alunos que espera ser professor: 3.4%			
	Matemática	Ciências	Leitura
Média de quem espera ser professor	583.8	569.8	527.8
Média geral do país	542.3	532.3	497.1
Diferença entre as médias	41.5	37.5	30.7

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

Tabela 7. Médias dos alunos da Finlândia que esperam ser professores

Finlândia			
5º colocado no Pisa 2015 para ciências			
Percentual de alunos que espera ser professor: 5%			
	Matemática	Ciências	Leitura
Média de quem espera ser professor	526.5	553.2	555.5
Média geral do país	511.1	530.7	526.4
Diferença entre as médias	15.4	22.5	29.1

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

Tabela 8. Médias dos alunos de Macao que esperam ser professores

Macao (China) 6º colocado no Pisa 2015 para ciências Percentual de alunos que espera ser professor: 9,4%			
	Matemática	Ciências	Leitura
Média de quem espera ser professor	547.6	532.4	515.0
Média geral do país	543.8	528.5	508.7
Diferença entre as médias	3.8	3.8	6.3

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

3.1 Os países com as médias mais altas entre quem espera ser professor

Considerando somente os alunos que esperam ser professores no futuro, os estudantes de Taiwan são os que obtiveram as notas mais altas em matemática (583.8) e em ciências (569.8), dentre todos os 70 avaliados. Já a nota mais alta em leitura foi obtida por alunos da Alemanha (568.3 pontos).

Veja nas três tabelas a seguir em quais países estão os alunos de desempenho mais alto em matemática, ciências e leitura, dentre os que esperam ser professores aos 30 anos de idade:

Tabela 9. Os 15 países ou regiões cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em matemática no Pisa 2015

Os 15 países ou regiões cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em matemática no Pisa 2015			
País	Média em matemática dos alunos que esperam ser professores	Posição do país/região no ranking geral do Pisa	Percentual de alunos que espera ser professor
Taiwan	583.8	4º	3.4%
Cingapura	564.2	1º	5.4%
Japão	561.2	2º	7.1%
Hong Kong (China)	553.0	9º	7.7%
Suíça	549.7	19º	6.8%
Alemanha	548.9	17º	2.8%
Macao (China)	547.6	6º	9.4%
Coreia	546.2	11º	13.8%
B-S-J-G (China)	535.2	10º	10.8%
Estônia	532.2	3º	1.8%
Noruega	529.9	25º	4.2%
Dinamarca	526.7	22º	1.2%
Finlândia	526.5	5º	5.0%
Eslovênia	518.1	13º	7.4%
Polônia	514.6	23º	3.4%

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

*B-S-J-G compreende as cidades de Beijing, Shanghai, Jiangu e Guangdong

Tabela 10. Os 15 países ou regiões cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em ciências no Pisa 2015

Os 15 países ou regiões cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em ciências no Pisa 2015			
País	Média em ciências dos alunos que esperam ser professores	Posição do país/região no ranking geral do Pisa	Percentual de alunos que espera ser professor
Taiwan	569.8	4º	3.4%
Japão	564.0	2º	7.1%
Alemanha	561.7	17º	2.8%
Estônia	554.6	3º	1.8%
Finlândia	553.2	5º	5.0%
Cingapura	552.5	1º	5.4%
Suíça	539.5	19º	6.8%
Coreia	534.7	11º	13.8%
Macao (China)	532.4	6º	9.4%
Noruega	530.8	25º	4.2%
Dinamarca	526.4	22º	1.2%
Hong Kong (China)	525.1	9º	7.7%
Canadá	524.4	7º	3.6%
Eslovênia	523.7	13º	7.4%
B-S-J-G (China)*	519.1	10º	10.8%

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

*B-S-J-G compreende as cidades de Beijing, Shanghai, Jiangsu e Guangdong

Tabela 11. Os 15 países ou regiões cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em leitura no Pisa 2015

Os 15 países ou regiões cujos alunos que esperam ser professores têm as médias mais altas em leitura no Pisa 2015			
País	Média em leitura dos alunos que esperam ser professores	Posição do país/região no ranking geral do Pisa	Percentual de alunos que espera ser professor
Alemanha	568.3	17º	2.8%
Finlândia	555.5	5º	5.0%
Noruega	553.8	25º	4.2%
Japão	543.3	2º	7.1%
Coreia	542.0	11º	13.8%
Estônia	541.3	3º	1.8%
Cingapura	536.1	1º	5.4%
Hong Kong (China)	536.0	9º	7.7%
Canadá	535.9	7º	3.6%
Suíça	532.2	19º	6.8%
Eslovênia	531.5	13º	7.4%

Polônia	529.7	23º	3.4%
Estados Unidos	528.1	26º	3.7%
Taiwan	527.8	4º	3.4%
Irlanda	526.3	20º	12.6%

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por lede.

3.1.1 Alemanha é destaque

Dentre todos participantes do Pisa, a Alemanha é o que apresenta a maior diferença entre a nota dos alunos que esperam ser professores e a média geral do país - eles obtiveram 42,9 pontos a mais em matemática, 52,5 em ciências e 59,1 em leitura.

Se os alunos que esperam ser professores na Alemanha formassem um país, ocupariam a 1ª posição em ciências e leitura e a 2ª em matemática, atrás apenas de Cingapura. Mesmo comparando esses estudantes àqueles que também esperam ser professores em outros países, eles se destacariam e continuariam na 1ª posição em leitura e ocuparam 3ª em ciências e 6ª em matemática.

Veja nas tabelas a seguir os 20 países que apresentam as maiores diferenças entre quem espera ser professor e a média geral dos alunos:

Tabela 12. Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em matemática

Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em matemática			
País	Média em matemática de quem espera ser professor	Média geral do país em matemática	Diferença entre as médias
Alemanha	548.9	506	42.9
Taiwan	583.8	542.3	41.5
Japão	561.2	532.4	28.7
Suíça	549.7	521.3	28.5
Noruega	529.9	501.7	28.1
Porto Rico	403.7	378.4	25.3
Coreia	546.2	524.1	22.1
República Checa	512.8	492.3	20.5
Estados Unidos	486.7	469.6	17.1
Dinamarca	526.7	511.1	15.6
Finlândia	526.5	511.1	15.4
França	506.8	492.9	13.9
Luxemburgo	499.6	485.8	13.8
Hungria	489.7	476.8	12.9
Estônia	532.2	519.5	12.7

Áustria	507.9	496.7	11.2
Polônia	514.6	504.5	10.1
Malta	487.0	478.6	8.4
Eslovênia	518.1	509.9	8.1
Croácia	469.7	464.0	5.7

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

Tabela 13. Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em ciências

Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em ciências			
País	Média em ciências de quem espera ser professor	Média geral do país em ciências	Diferença entre as médias
Alemanha	561.7	506.0	52.5
Taiwan	569.8	542.3	37.5
Suíça	539.5	521.3	33.9
Noruega	530.8	501.7	32.4
Porto Rico	430.0	378.4	27.3
Japão	564.0	532.4	25.6
Dinamarca	526.4	511.1	24.4
Finlândia	553.2	511.1	22.5
Estados Unidos	517.9	469.6	21.7
Estônia	554.6	519.5	20.4
Coreia	534.7	524.1	18.9
República Checa	511.4	492.3	18.6
Áustria	511.4	496.7	16.4
França	510.7	492.9	15.8
Luxemburgo	497.2	485.8	14.4
Hungria	490.2	476.8	13.5
Eslovênia	523.7	509.9	10.8
Polônia	511.3	504.5	9.9
Croácia	484.2	464.0	8.8
Montenegro	418.0	417.9	6.7

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

Tabela 14. Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em leitura

Os 20 países ou regiões que apresentam as maiores diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais do país em leitura			
País	Média em leitura de quem espera ser professor	Média geral do país em leitura	Diferença entre as médias
Alemanha	568.3	509.1	59.1
Porto Rico	456.3	410.0	46.3
Noruega	553.8	513.2	40.6
Suíça	532.2	492.2	40.0
Áustria	521.0	484.9	36.1
República Checa	521.7	487.3	34.5
Estados Unidos	528.1	496.9	31.2
Taiwan	527.8	497.1	30.7
Finlândia	555.5	526.4	29.1
Japão	543.3	516.0	27.3
França	526.1	499.3	26.8
Eslovênia	531.5	505.2	26.3
Luxemburgo	507.2	481.4	25.8
Dinamarca	525.2	499.8	25.3
Coreia	542.0	517.4	24.5
Polônia	529.7	505.7	24.0
Croácia	510.2	486.9	23.4
Eslováquia	475.4	452.5	22.9
Estônia	541.3	519.1	22.2
Hungria	491.5	469.5	22.0

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

3.2 Os países com os maiores percentuais de alunos interessados em ser professores

Argélia e Kosovo têm um alto percentual de alunos que esperam ser professores. O desempenho deles não é bom, mas é muito similar ao desempenho geral dos estudantes do país, que é baixo.

Já Coreia e Irlanda se destacam por apresentarem um alto percentual de alunos interessados na profissão e também com bom desempenho. No caso coreano, os interessados pela carreira docente têm notas superiores à média nacional.

Veja os países que apresentam os maiores percentuais de alunos que esperam ser professores:

Tabela 15. Os 10 países com os maiores percentuais de alunos que esperam ser professores

Os 10 países com os maiores percentuais de alunos que esperam ser professores							
País	Percentual de alunos que espera ser professor	Média de quem espera ser professor			Média do país		
		Matemática	Ciências	Leitura	Matemática	Ciências	Leitura
Argélia	21.7%	354.2	372.3	349.5	359.6	375.7	349.9
Kosovo	18.3%	356.7	379.2	354.7	361.5	378.4	347.1
Turquia	15.9%	403.8	411.6	422.1	420.5	425.5	428.3
Vietnã	14.0%	476.7	508.1	476.4	494.5	524.6	486.8
Coreia	13.8%	546.2	534.7	542	524.1	515.8	517.4
Irlanda	12.6%	501.5	497.8	526.3	503.7	502.6	520.8
Espanha	11.5%	468.3	475.3	489.5	485.8	492.8	495.6
Tunísia	11.4%	360	381.1	359.5	366.8	386.4	361.1
Indonésia	11.4%	375.1	396.5	393.4	386.1	403.1	397.3
Jordânia	11.4%	368.6	399.2	414	380.3	408.7	408.1

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

Tabela 16. Diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais dos alunos nos 10 países com os maiores percentuais de interessados pela carreira docente

Diferenças entre as médias de quem espera ser professor e as médias gerais dos alunos nos 10 países com os maiores percentuais de interessados pela carreira docente			
País	Matemática	Ciências	Leitura
Argélia	-5.4	-3.4	-0.4
Kosovo	-4.8	0.7	7.6
Turquia	-16.6	-13.8	-6.3
Vietnã	-17.8	-16.5	-10.4
Coreia	22.1	18.9	24.5
Irlanda	-2.2	-4.8	5.5
Espanha	-17.5	-17.5	-6.1
Tunísia	-6.8	-5.3	-1.5
Indonésia	-11	-6.6	-3.9
Jordânia	-11.6	-9.5	5.9

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.

4. O que é preciso para atrair os melhores alunos para a carreira docente? Educadores e pesquisadores da área de Educação comentam

Há consenso entre os pesquisadores da área de Educação e educadores ouvidos pelo Iede de que não é possível ter um bom sistema educacional sem ter bons professores nas salas de aula. No Brasil, como este estudo aponta, os alunos que esperam ser professores têm desempenho abaixo da média geral, que já é baixa.

Isso não significa que eles serão, necessariamente, profissionais ruins. “Todo mundo pode vir a ser um bom professor, mas é mais difícil recuperar essas defasagens da Educação Básica”, considera o economista Fabio Waltenberg, que foi um dos autores do estudo “Ser ou não ser professor da Educação Básica? Salário esperado e outros fatores na escolha ocupacional de concluintes de licenciaturas”, de 2016. “O que percebo é que são os bons professores que inspiram os bons alunos a seguirem a profissão. E hoje há o desafio de reter os melhores professores, pois eles vão fazer mestrado, doutorado e acabam deixando a rede pública”, completa João Paulo de Araújo, professor em Leopoldina (MG) e um dos vencedores do prêmio Educador Nota 10, em 2013.

Para promover as mudanças necessárias na educação brasileira, é indiscutível, portanto, a necessidade de tornar a carreira mais atrativa. Isso inclui valorização salarial, mas não só. Os profissionais ouvidos destacam que atratividade está ligada também à estrutura da carreira e às perspectivas que oferece, condições de trabalho e status social.

A seguir, dois pesquisadores e dois educadores comentam sobre os dados do estudo e apontam as mudanças que consideram necessárias para aumentar a atratividade da carreira docente:

“Os estudos que fizemos e a literatura sobre o assunto mostram três hipóteses para explicar por que alunos de desempenho mais alto não querem ser professores: salários baixos, status social baixo e condições de trabalho ruins.

Como a entrada na profissão não é difícil, para alguns grupos é vista como forma de ascensão. Mas, para famílias com mais recursos, não é muito considerada. Um aluno de colégio de elite que disser que quer ser professor vai ser taxado de louco. Há pesquisas que mostram que em alguns países embora a remuneração não seja tão alta, o status social é. No Brasil, não.

Os problemas sociais do Brasil – pobreza e vulnerabilidades diversas – se refletem também nas salas de aula. Há aspectos de desafio à autoridade do professor, desrespeito e violência. Quando um professor agredido aparece na televisão, a percepção coletiva é que a profissão é pior até do que é. Na nossa pesquisa, pedimos para os alunos classificarem as profissões das mais prestigiosas para as menos e professor teve um status social baixo, perto de policial.

Uma questão que se levanta é se para mudar a educação precisamos realmente que os melhores alunos sejam professores. Alguns estudiosos dizem que não. Não é ruim para a sociedade que esse aluno de ótimo desempenho vire um neurocirurgião, por exemplo. Mas o problema é quem quer ser professor estar muito abaixo da média. Todo mundo pode vir a ser um bom professor, mas é mais difícil recuperar essas defasagens.

Para valorizar a profissão, não importa só o salário de entrada, mas também como a carreira está estruturada e as perspectivas de crescimento que esse profissional terá.”

Fabio Waltenberg, doutor em Economia, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi um dos autores do estudo “Ser ou não ser professor da Educação Básica? Salário esperado e outros fatores na escolha ocupacional de concluintes de licenciaturas”, de 2016.

“Fiquei impressionado com os resultados do estudo porque fazem muito sentido quando eu olho para a minha realidade e a dos meus alunos. Sou de uma família humilde de Leopoldina (MG), minha mãe é empregada doméstica. Comecei a fazer licenciatura em História porque consegui uma bolsa integral em uma faculdade particular da cidade e porque não passei em Engenharia, que era a área que eu queria.

Não gostava muito do curso e comecei a dar aulas porque precisava de dinheiro. Mas, na sala de aula, me encontrei. Continuei ainda prestando vestibular para Engenharia e, na terceira tentativa, fui aprovado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET – MG). Por um ano e meio conciliei as duas faculdades e continuei dando aulas. Mas eu já estava completamente envolvido com educação, é o que amo fazer, e decidi seguir na área. Mas aos 16 anos não sonhava em ser professor e muito em razão da imagem que a profissão tem – e que precisamos urgentemente mudar.

Neste ano, cerca de 10 alunos do ensino médio já vieram comentar comigo que querem ser professores, mas a primeira preocupação que trazem é essa: ‘minha família não aceita, fala que não vou ganhar dinheiro’. Eu tento encorajá-los, dizer que o trabalho é parte importante da vida e é preciso gostar do que se faz e, que se forem bons, terão sucesso.

A minha impressão é que hoje ouço mais alunos querendo ser professores do que quando comecei, há 10 anos. Acredito que a maioria é porque se inspira nos professores que tem. Nas três escolas que dou aula, duas estaduais e uma particular, há vários professores excelentes, engajados com a profissão... Mas há, claro, aqueles que até hoje me falam: ‘sai disso e vai para Engenharia que ainda dá tempo.’ Se falam isso para mim, imagina o que não falam para os alunos?

Em Leopoldina, especificamente, acho que o salário dos professores é razoável. Não vejo como o maior problema. Mas há muito o que ser feito pela imagem da profissão: mostrar que os professores vão para congressos, seminários, estudam, fazem projetos com a comunidade, viajam e se divertem. Enfim, que professor é uma pessoa feliz.

Também é preciso pensar em relação à formação continuada, progressão de carreira e em como manter os professores mais qualificados na escola pública. Os melhores vão fazer mestrado, doutorado e acabam saindo da rede pública ou indo para a direção. São os bons professores que vão inspirar os bons alunos a seguirem a profissão.”

João Paulo Pereira de Araújo, professor de História em Leopoldina (MG), foi um dos 10 vencedores do prêmio Educador Nota 10, em 2013. Tem duas pós-graduações na área de História e é também formado em Engenharia de Controle e Automação.

“A remuneração da carreira docente afasta quem tem expectativa de ganho maior e atrai cada vez mais pessoas de estratos econômicos menos favorecidos. Mesmo que mal remunerada, é vista por alguns grupos como forma de ascensão social. Há o desafio de atrair mais profissionais para a área e, principalmente, mais qualificados. Para isso, é preciso mexer na remuneração.

Alguns defendem valorização por outras vias que não a financeira, como tornando o currículo dos cursos de pedagogia e licenciatura mais atrativos. É importante. No entanto, na escolha da carreira, especificamente, nenhum adolescente pensa muito em como o curso está estruturado. Pensam na carreira em si, como será depois de formados, as perspectivas que terão...

O grande problema é que investir em salário é uma política que custa caro e cujos resultados vem a longo prazo. Você mexe na atratividade agora para atrair pessoas mais qualificadas que, somente daqui alguns anos, estarão na docência. Hoje priorizam-se políticas mais baratas e que prometem ganhos rápidos, mas com pouco resultado prático. Isso tem que mudar”

Andreza Barbosa, doutora em Educação Escolar e professora de pós-graduação em Educação na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep). Pesquisa, principalmente, sobre trabalho docente, formação de professores e políticas educacionais.

“O estudo mostra aquilo que já suspeitava, pois vivi na prática. Dentro da escola, a gente observa isso: alguns alunos com dificuldade de aprendizagem pensam: ‘não vou conseguir fazer medicina, engenharia, vou fazer pedagogia’. É, muitas vezes, o que sobra. Acredito que há várias razões para isso, como o curso de pedagogia ser menos concorrido, mais barato, ter vários programas de bolsas... Eu mesmo queria fazer Direito, mas na época não tinha essa opção aqui perto, só tinha Magistério. Então, fiz, e depois tomei gosto pela profissão.

Acredito que a vontade de ser professor está ligada a várias questões. Uma delas é a referência que os alunos têm. Por exemplo, nos primeiros anos do ensino fundamental, eles ficam o tempo todo com o mesmo professor. Se eles têm um professor engajado, animado, que gosta do que faz e interage bem com a turma, várias dessas crianças vão pensar em ser professores.

O contrário também acontece: se têm um professor desmotivado, que reclama que salário é ruim, os alunos são rebeldes, o diretor cobra demais, o governo não dá suporte, eles não vão querer ser professores. Aqui em Cajati [região do Vale do Ribeira, interior do Estado de São Paulo] os professores andam bastante insatisfeitos.

A remuneração é muito importante, pois os melhores pensam que fazendo outra profissão terão uma renda maior. Mas, pensando na qualidade da educação oferecida, só aumentar salário não resolve. É preciso pensar na formação. Profissional pode ganhar muito e não fazer um bom trabalho.”

Máximo Ribeiro, formado em matemática e pedagogia, foi professor por 10 anos, além de diretor da Escola Municipal Prof. Maria da Conceição Rodrigues de Alcântara, em Cajati (SP), por sete anos (até 2017).

5. Apêndice

Tabela 17. Médias gerais e médias de quem espera ser professor nos 70 países ou regiões avaliados, em ordem alfabética

País	Média de quem espera ser professor			Média geral no Pisa 2015			Diferença entre as médias		
	Matemática	Ciências	Leitura	Matemática	Ciências	Leitura	Matemática	Ciências	Leitura
Alemanha	548.9	561.7	568.3	506.0	509.1	509.1	42.9	52.5	59.1
Argélia	354.2	372.3	349.5	359.6	375.7	349.9	-5.4	-3.4	-0.4
Austrália	490.3	507.6	510.1	493.9	510.0	502.9	-3.6	-2.4	7.1
Áustria	507.9	511.4	521.0	496.7	495.0	484.9	11.2	16.4	36.1
Bélgica	494.0	485.8	491.5	507.0	502.0	498.5	-12.9	-16.2	-7.0
Brasil	358.5	380.6	388.9	377.1	400.7	407.3	-18.6	-20.1	-18.5
B-S-J-G (China)	535.2	519.1	502.5	531.3	517.8	493.9	3.9	1.3	8.6
Bulgária	423.1	432.9	427.8	441.2	445.8	431.7	-18.1	-12.9	-3.9
CABA - Cidade Autônoma de Buenos Aires (Argentina)	418.6	438.3	448.8	456.3	475.2	475.3	-37.7	-36.9	-26.5
Canadá	510.5	524.4	535.9	515.6	527.7	526.7	-5.2	-3.3	9.3
Catar	373.2	394.7	384.7	402.4	417.6	401.9	-29.2	-23.0	-17.2
Chile	402.5	429.5	451.2	422.7	447.0	458.6	-20.2	-17.5	-7.4
Cingapura	564.2	552.5	536.1	564.2	555.6	535.1	0.0	-3.1	1.0
Colômbia	368.5	391.0	400.7	389.6	415.7	424.9	-21.2	-24.7	-24.2
Coreia	546.2	534.7	542.0	524.1	515.8	517.4	22.1	18.9	24.5
Costa Rica	383.5	398.2	403.7	400.3	419.6	427.5	-16.7	-21.4	-23.8
Croácia	469.7	484.2	510.2	464.0	475.4	486.9	5.7	8.8	23.4
Dinamarca	526.7	526.4	525.2	511.1	501.9	499.8	15.6	24.4	25.3
Emirados Árabes Unidos	408.6	423.9	433.1	427.5	436.7	433.5	-18.9	-12.9	-0.4
Eslováquia	475.5	465.0	475.4	475.2	460.8	452.5	0.3	4.3	22.9
Eslovênia	518.1	523.7	531.5	509.9	512.9	505.2	8.1	10.8	26.3
Espanha	468.3	475.3	489.5	485.8	492.8	495.6	-17.5	-17.5	-6.1
Estados Unidos	486.7	517.9	528.1	469.6	496.2	496.9	17.1	21.7	31.2
Estônia	532.2	554.6	541.3	519.5	534.2	519.1	12.7	20.4	22.2
Finlândia	526.5	553.2	555.5	511.1	530.7	526.4	15.4	22.5	29.1
França	506.8	510.7	526.1	492.9	495.0	499.3	13.9	15.8	26.8
Inglaterra	484.3	506.8	500.7	493.4	512.2	499.6	-9.1	-5.3	1.1
Geórgia	383.5	393.8	382.5	403.8	411.1	401.3	-20.3	-17.4	-18.8
Grécia	441.6	445.0	467.5	453.6	454.8	467.0	-12.0	-9.8	0.5
Holanda	513.6	510.1	512.1	512.3	508.6	503.0	1.3	1.5	9.2
Hong Kong (China)	553.0	525.1	536.0	547.9	523.3	526.7	5.0	1.8	9.3
Hungria	489.7	490.2	491.5	476.8	476.7	469.5	12.9	13.5	22.0
Indonésia	375.1	396.5	393.4	386.1	403.1	397.3	-11.0	-6.6	-3.9
Irlanda	501.5	497.8	526.3	503.7	502.6	520.8	-2.2	-4.8	5.5
Islândia	489.2	478.7	495.5	488.0	473.2	481.5	1.1	5.5	14.0
Israel	431.9	429.7	443.9	469.7	466.6	479.0	-37.8	-36.8	-35.1
Itália	467.5	459.6	485.0	489.7	480.5	484.8	-22.3	-20.9	0.2
Japão	561.2	564.0	543.3	532.4	538.4	516.0	28.7	25.6	27.3
Jordânia	368.6	399.2	414.0	380.3	408.7	408.1	-11.6	-9.5	5.9

Kosovo	356.7	379.2	354.7	361.5	378.4	347.1	-4.8	0.7	7.6
Letônia	460.5	463.4	475.1	482.3	490.2	487.8	-21.8	-26.8	-12.6
Líbano	365.8	362.2	319.1	396.2	386.5	346.5	-30.5	-24.3	-27.5
Lituânia	470.5	469.9	476.8	478.4	475.4	472.4	-7.9	-5.5	4.4
Luxemburgo	499.6	497.2	507.2	485.8	482.8	481.4	13.8	14.4	25.8
Macao (China)	547.6	532.4	515.0	543.8	528.5	508.7	3.8	3.8	6.3
Malta	487.0	467.9	467.0	478.6	464.8	446.7	8.4	3.1	20.3
México	391.2	396.9	408.4	408.0	415.7	423.3	-16.8	-18.8	-14.9
Moldova	414.5	427.9	429.2	419.7	428.0	416.2	-5.2	-0.1	13.0
Montenegro	422.6	418.0	441.7	417.9	411.3	426.9	4.7	6.7	14.8
Noruega	529.9	530.8	553.8	501.7	498.5	513.2	28.1	32.4	40.6
Nova Zelândia	485.5	503.4	510.1	495.2	513.3	509.3	-9.7	-9.9	0.8
Peru	343.9	355.8	350.4	386.6	396.7	397.5	-42.7	-40.8	-47.1
Polônia	514.6	511.3	529.7	504.5	501.4	505.7	10.1	9.9	24.0
Porto Rico	403.7	430.0	456.3	378.4	402.7	410.0	25.3	27.3	46.3
Portugal	444.4	452.6	459.8	491.6	501.1	498.1	-47.2	-48.5	-38.4
Reino Unido	484.3	503.4	499.3	492.5	509.2	498.0	-8.2	-5.8	1.3
República Checa	512.8	511.4	521.7	492.3	492.8	487.3	20.5	18.6	34.5
República da Macedônia	365.9	382.8	347.6	371.3	383.7	351.7	-5.4	-0.8	-4.1
República Dominicana	318.1	320.0	348.5	327.7	331.6	357.7	-9.6	-11.7	-9.3
Romênia	432.9	425.9	427.5	444.0	434.9	433.6	-11.0	-8.9	-6.1
Rússia	485.6	476.8	496.2	494.1	486.6	494.6	-8.4	-9.8	1.6
Suécia	477.4	480.1	499.4	493.9	493.4	500.2	-16.5	-13.3	-0.7
Suíça	549.7	539.5	532.2	521.3	505.5	492.2	28.5	33.9	40.0
Tailândia	413.6	418.7	411.9	415.5	421.3	409.1	-1.9	-2.6	2.8
Taiwan	583.8	569.8	527.8	542.3	532.3	497.1	41.5	37.5	30.7
Trindade e Tobago	404.1	416.0	427.6	417.2	424.6	427.3	-13.2	-8.6	0.3
Tunísia	360.0	381.1	359.5	366.8	386.4	361.1	-6.8	-5.3	-1.5
Turquia	403.8	411.6	422.1	420.5	425.5	428.3	-16.6	-13.8	-6.3
Uruguai	399.8	418.9	434.2	418.0	435.4	436.6	-18.2	-16.5	-2.4
Vietnã	476.7	508.1	476.4	494.5	524.6	486.8	-17.8	-16.5	-10.4

Fonte: Pisa 2015, OCDE. Tabulado por Iede.